

A UNIDADE NACIONAL É A NOSSA FORÇA

— Samora Machel em Ancuabe

N. 7/8/76
p.2

O Presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique, Samora Machel, que se encontra de visita à província de Cabo Delgado, deslocou-se anteontem ao distrito de Ancuabe, onde dirigiu um comício com a população. Durante o encontro, o Presidente Samora proferiu um improviso de que salientamos:

«A disciplina é a característica de um povo que tem tarefas, de um povo que está organizado». — começou por afirmar o Presidente Samora Machel. E acrescentou: «A tarefa de um povo que acaba de vencer o colonialismo é consolidar a unidade. Para isso é preciso destruir tudo o que nos de-

sôn, os nossos pequenos conflitos regionais ou tribais e o poder dos senhores feudais — dos régulos. Estão aqui alguns que eram régulos e sabem disso».

Quando a guerra começou em Cabo Delgado o inimigo fomentou o tribalismo dizendo que a guerra que se estava desenvolvendo em Ca-

pos de concentração. Intensificaram a poligamia. As mulheres eram distribuídas aos homens. Não existia amor.

As mulheres não tinham a oportunidade de escolher os seus maridos, elas eram distribuídas aos homens pela tropa colonial. E a tropa vinha escolher as raparigas

de porcos para termos dinheiro.

Este é o novo combate que exige iniciativa de todos, exige a capacidade de todos e exige a participação de todos. Pegamos em armas contra o colonialismo porque o colonialismo nos dividia. Agora o que nos divide é a fome. O nosso inimigo

é as estradas virão das nossas mãos. O dinheiro é o produto do trabalho não é o trabalho que é produto do dinheiro.

Primeiro temos que trabalhar para produzirmos o dinheiro e, depois, temos que criar os meios de fazer com que o dinheiro chegue às nossas mãos. Por isso é que vimos com o ministro das Obras Públicas para ver a situação das estradas em Cabo Delgado. Mas só temos estradas se nós estivermos organizados, se tivermos estradas se formos capazes de participar activamente nas reuniões onde são planificadas as nossas tarefas.

As populações devem participar nas reuniões onde decidem e planificam com os nossos técnicos os lugares indicados para a abertura das estradas. E é a população organizada que deve abrir as estradas.

Não temos dinheiro para comprarmos tractores, não temos dinheiro para comprarmos carros por isso temos que trabalhar para produzirmos carros e tractores.

COOPERAÇÃO AO NÍVEL DO GOVERNO

Os três Ministérios que estão aqui, trabalham intimamente ligados nas suas tarefas.

A agricultura deve produzir para o comércio poder comprar; a agricultura deve produzir para o comércio escoar os produtos. E, então, necessita do Ministério das Obras Públicas para abrir estradas para canalizar os nossos produtos para fora. Só saindo com os nossos produtos para fora o dinheiro vira de fora para dentro.

E só podem produzir se viverem organizados. Só podem produzir se viverem politizados.

Politizados significa compreender a vossa província de Cabo Delgado e as suas capacidades, as potencialidades da vossa província.

É necessário que saibam o que é que produz a província de Cabo Delgado, qual é a grandeza do vosso País; o que é que produz a província de Namúbia e o que é que produz a província de Namíbia, Tete, Inhambane, Gaza, Zambézia e Maputo.

Se formos capazes de vender os nossos produtos liquidaremos a fome. E assim estamos a contribuir para a liquidação das doenças. Liquidando as doenças estamos a liquidar também a ignorância e o obscurantismo. Porque quando se está com fome o cérebro fica diminuído.

Além destas estruturas temos outros Ministérios para estudar os problemas de Cabo Delgado. Temos o Ministério da Educação, temos o Ministério da Saúde, Transportes e Comunicações. Os ministros vieram especialmente para discutir com a população. Mas para isso

primeiro é preciso um combate no nosso solo contra a preguiça; contra o alcoolismo, contra a divisão, contra a prostituição. Esses males significam a época do colonialismo, a época da exploração.

INDEPENDENCIA SIGNIFICA LIBERDADE PARA PRODUIZIR

Quando nós proclamamos a nossa independência em 25 de Junho de 1975 significou para nós o começo do trabalho. Significa liberdade para produzir. Liberdade, significa libertação total das nossas capacidades, das nossas iniciativas.

Sabemos que a população de Ancuabe foi vítima do colonialismo. Nós chegámos a operar muitas vezes nesta zona. Encontramos-nos muitas vezes com o Saganga ni no mato, o O.P.V., aqueles soldados que andavam à procura de terroristas no mato.

Estavam nos campos de concentração para vos impedir a conquista da liberdade, para impedir a vossa participação na luta contra o colonialismo.

Agora, já que vocês não tiveram ocasião de participar na luta contra o colonialismo, participemos na luta da reconstrução nacional. É um dever de cada cidadão moçambicano. Agora vocês terão que aprender como lutar contra os inimigos da nossa independência, porque alguns têm saudades do colonialismo. Aqueles que viviam à custa do colonialismo, vendendo os outros, matando os outros. Alguns querem que o colonialismo regresso.

PAPEL DO GOVERNO

Qual é então a nossa tarefa? Vivemos organizados nas estruturas do Partido cumprimos as tarefas definidas pelo Governo. Mas hoje são a abertura de estradas, o aumento de produção, criação de animais, participação de todos na escola, participação de todos nas aldeias comunitárias.

Somos nós que destruímos o colonialismo e somos nós que temos que reconstruir Moçambique. Somos nós que expulsamos o colonialismo de Moçambique e somos nós que devemos reconstruir o nosso País. Ouviram?

Agora já não há régulos em Moçambique. Existe a FRELIMO e o Governo. A FRELIMO tem medidas políticas e o Governo tem medidas administrativas. O nosso Governo não permite indisciplina no seio do povo. O nosso povo não permite prostituição no seio da população. O nosso Governo permite o trabalho. O Governo, que é da FRELIMO, é para velar pela aplicação do programa da FRELIMO. Em qualquer desvio o Governo deve actuar.



Samora Machel contacta com elementos da população que regressaram da Tanzânia, para onde haviam partido a fim de escapar à opressão colonial

tunia, porque sem a unidade nacional, sem a unidade no nosso solo não seremos capazes de realizar as nossas tarefas da reconstrução nacional, não conseguiremos fazer uma análise da vida que levávamos durante o tempo colonial.

«Esta nossa reunião é fundamentalmente para analisarmos o que nós fomos, o que somos agora e o que queremos ser. Fomos colonizados, fomos humilhados, fomos oprimidos, fomos discriminados, fomos reprimidos a nossa iniciativa, fomos divididos, fizemos de nós animais para carga. Para analisarmos o que queremos ser e o que fomos temos que fazer um pequeno recuo. Fomos oprimidos, fomos espezinhados e fomos vendidos. Quem ignorar isso não estará em condições de reconstruir o País. É preciso tomar isso em consideração. Fomos batidos pela palmatória, fomos amarrados, fomos postos em sacos e delatados ao mar. Foi por isso que pegamos em armas contra o colonialismo português. Há quem nos pergunte por que é que lutamos. É por essa causa».

Dissemos: basta o colonialismo! E descobrimos o segredo da nossa força — a unidade nacional. E o nosso segredo, para lutarmos de maneira eficaz, era a organização no seio do povo. Organizar o povo significa distribuir tarefas».

UNIDADE DO POVO

Seguidamente, o Presidente Samora Machel referiu-se ao papel da luta armada no desenvolvimento de uma consciência nacional, tendo mais adiante perguntado: «Entre a população do nosso País há divisão em pequenos grupos tribais, há macuas, há macondes, há muônés, há swahilis, há angónis, há ajauas, é assim?»

«Se estão divididos em grupos tribais onde está o povo moçambicano? Neste passo, o dirigente da Nação solicitou aos que se consideravam povo moçambicano, macuas ou macondes entre os presentes, que se identificassem. Depois de verificar que todos afirmaram serem do povo moçambicano, acrescentou:

«O inimigo utiliza o tribalismo para dividir as forças combatentes. Quando o inimigo quer oprimir utiliza o tribalismo. Quando o inimigo quer enfraquecer a força do combatente utiliza o tribalismo. Quando o inimigo quer explorar utiliza o tribalismo. Quando o inimigo quer roubar as nossas riquezas utiliza o tribalismo. Quando o inimigo quer enfraquecer-nos e destruir-nos utiliza o tribalismo e a divisão».

No passado, a nossa contradição era com o colonialismo português e o colonialismo português para sobreviver utilizou as nossas divi-

das macondes para conquistarem os macuas. E assim conseguiu durante muitos anos enganar o povo dizendo que a luta em Moçambique era uma luta tribal. E que essa luta só existia em Cabo Delgado e, essencialmente, era entre macondes e macuas. Mas eu quero dizer-vos que a luta em Cabo Delgado era a mesma luta em Niassa, era a mesma luta em Tete, era a mesma luta que existia na Província de Gaza, na Zambézia, em Namúbia, em Inhambane e em Maputo.

E, esta luta, em toda a parte, em todas as províncias, em cada distrito, em cada localidade, era uma luta contra o colonialismo português, contra a dominação estrangeira. Porque razão o colonialismo gostava de ficar em Moçambique? Tinha os seus impostos a cobrar, tinha a língua colocada sobre a testa do nosso povo; o povo trabalhava e o colonialismo sugava o seu suor. Se quisessem, tinham galinhas através dos régulos, não era através dos macondes. Tinham os seus agentes os cipaios, os administradores, os régulos — que cobravam impostos, arrancavam galinhas e organizavam mulheres para os administradores e cipaios.

A mulher moçambicana era como um animal que morria... O animal que morre com muita facilidade, por exemplo, quando chegam hóspedes, é a galinha. O que oferecem quando chegam hóspedes à vossa casa? Então, o que é que ofereciam aos administradores quando chegavam? Onde estava a dignidade da nossa mulher? Onde estava a personalidade da nossa mulher?

É por isso que os colonizadores não queriam sair de Moçambique. Tinham dinheiro para mandar para Portugal, não para desenvolver Moçambique. Tinham galinhas, tinham ovos e tinham o povo a trabalhar de graça e o povo não tinha nenhuma oportunidade de trabalhar para si. É por isso que, quando sentiram o avanço da guerra, organizaram os aldeamentos, que não passam de campos de concentração.

Quais eram os objectivos dos campos de concentração?

«Vamos analisar isso» — Era preciso fazer do nosso povo «animal» e inconsciente. Para isso fomentavam a bebedeira nos campos de concentração. Depois de bebedeira havia lutas entre nós. Lutavam para arrancar mulheres uns aos outros e queimavam as nossas palhoças.

A fome estava organizada nos campos de concentração e vocês viviam isolados do resto do nosso País. Isolados dos acontecimentos do mundo, isolados da vossa própria personalidade. Intensificaram a palmatória nos

no seio da população. A população vivia desorganizada e a única organização que existia era a fabricação de bebidas alcoólicas, era a divisa acentuada. E por isso, ainda observamos nos caras dos muitos aqui presentes, a opressão.

A TAREFA DA FRELIMO

A tarefa da FRELIMO em primeiro lugar é libertar, é fazer que cada um de vós tenha confiança na sua própria força, que cada um de vós saiba utilizar a natureza, saiba produzir de maneira organizada. Mas, para isso, é necessária uma disciplina constante. Necessitamos de nos reunir e cada um emitir as suas opiniões: como é que nós vamos desenvolver o nosso País, como é que vamos produzir, quais são os produtos essenciais para a nossa vida, quais são os produtos para a venda. Estão aqui muitas estruturas do Governo, especialmente, para estudar as condições de vida da população de Cabo Delgado — não para estudar a vida dos macondes, não para estudar a vida dos macuas, não para estudar a vida dos swahilis, dos gandos, mas para estudar as condições de vida da população de Cabo Delgado para estudar as potencialidades e as capacidades da província de Cabo Delgado.

Está aqui o Ministério da Agricultura. Está aqui o ministro da Agricultura para estudar o que é que aqui produzem, o que são capazes de produzir no vosso País e o que é que não produzem. Sabemos que o nosso distrito é capaz de produzir arroz. É através dos produtos agrícolas que nós obtemos a nossa roupa. É através da produção agrícola que nós liquidaremos a fome e a nudez.

A vossa província é capaz de produzir milho em grande quantidade, é capaz de produzir mapira e machoeira em grande quantidade.

O vosso distrito é capaz de produzir em grande quantidade feijão manteiga, feijão branco. A vossa província tem todas essas capacidades. A vossa província é capaz de produzir batata, é capaz de produzir muita castanha de caju, muita laranja. E capaz de produzir muita tangerina, e muita manga.

«Então, onde estão as nossas dificuldades em produzir isso? Nós diremos onde estão?»

Mais adiante, acrescentou: «Já me responderam que não há macuas e que aqui só há moçambicanos. Então nós teremos que criar as máquinas que produzirão dinheiro para o nosso País. Noutros países, uma das suas grandes fontes de riqueza é a criação de animais. Nós temos que desenvolver do Rovuma ao Maputo, do Maputo até ao Rovuma, do Oceano Índico a Tete a cria-

ção de porcos para termos dinheiro. Hoje é a fome. De novo a FRELIMO aparece como o unificador do nosso povo como o agente que define as tarefas do nosso povo, como acelerador do processo para o desenvolvimento do nosso País. Aparece como o elemento central que define as tarefas e os trabalhos que devemos realizar para liquidarmos a fome no nosso País.

Trazemos aqui o nosso ministro da Indústria e Comércio. O que é que vamos fazer depois de produzirmos muita manga no nosso País? É preciso fazer sumos de manga, laranja, ananás, e preciso fazer conserva de caju, é preciso descascar a castanha de caju, é preciso processar o algodão para transformar o algodão em panos e é preciso depois disso vendermos esses nossos produtos. É preciso encontrar lugar onde vendermos os nossos produtos».

PRODUÇÃO COLECTIVA

Por isso viemos aqui para discutirmos com o povo onde é que devemos instalar as lojas do povo, onde é que nós devemos desenvolver o comércio. Mas um indivíduo isolado não é capaz de produzir arroz, produzir castanha, produzir milho, criar animais, galinhas, porcos, perús, cabritos, ovelhas e patos. Sózinho não é capaz. Um dedo sózinho não mata um porco. Parece que há uma expressão africana que diz que um dedo só não mata porcos. E uma pulseira por mais bala que seja no nosso pulso, sózinha não produz barulho, necessita de uma outra pulseira.

É por isso que falamos da produção colectiva para melhor produzirmos e a nossa produção deve ser planificada, deve ser uma produção organizada, deve ser uma produção programada.

Desde o começo devemos definir o que é que nós queremos produzir como alimento, o que é que nós queremos produzir para a venda. Ai está a grande diferença, a característica que define a natureza da nossa política.

OBRAS PÚBLICAS

Mas, para podermos vender os nossos produtos, para que os nossos produtos não apodreçam nas nossas casas é preciso construirmos armazéns, é preciso abriremos estradas. E os portugueses não nos deixaram dinheiro, os portugueses não nos deixaram estradas. O dinheiro